

NOVOS REGISTROS DE BIGNONIACEAE JUSS. PARA O SEMIÁRIDO PARAIBANO

Swami Leitão Costa¹; Isabella Johanes Nascimento Brito¹; José Iranildo Miranda de Melo¹

¹Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Departamento de Biologia, Campina Grande, PB, Brasil. E-mail: <swamilcosta@gmail.com>; <bellajohanes1@gmail.com>; <tournefort@gmail.com>.

INTRODUÇÃO

Bignoniaceae é uma família pantropical que compreende 82 gêneros e 827 espécies (LOHMANN; ULLOA, 2007), predominantemente neotropicais com raros representantes pelas regiões temperadas da América do Norte e África (LOHMANN, 2004). Tradicionalmente, a família estava inserida na ordem Scrophulariales (CRONQUIST 1981), estando alocada em Lamiales com base nas classificações mais recentes (APG IV, 2016). Segundo Olmstead *et al.* (2009), Bignoniaceae abrange oito clados: Aliança *Tabebuia*, Bignoniaceae, Catalpeae, Clado Paleotropical, Jacarandaeae, Oroxyleae, Tecomeae e Turretieae.

Esta família reúne árvores, arbustos ou lianas, com um padrão anômalo de crescimento do câmbio secundário, folhas geralmente compostas e opostas, flores vistosas, presença de tricomas, estaminódio glandular, quatro estames, em sua maioria didínamos, e presença de disco nectarífero (GENTRY, 1980; JUDD *et al.*, 2009; SOUSA; LORENZI, 2012). Os representantes de Bignoniaceae são importantes componentes das florestas neotropicais (OLMSTEAD *et al.*, 2009) e ocorrem com mais frequência em habitats úmidos, no interior das florestas, mas também associadas a florestas secas, florestas de planícies, regiões montanhosas e afloramentos rochosos e (LOHMANN, 2004), sendo o Brasil, seu principal centro de dispersão da família possuindo 33 gêneros e 412 espécies, com muitos táxons endêmicos (02 gêneros e 199 espécies).

A região semiárida brasileira abrange mais de 20% dos municípios brasileiros (1.135) e abriga 11,84% da população do país (ASA, 2016) e é determinada por apresentar precipitação média anual inferior a 800 mm, risco de seca superior a 60% e índice de aridez de até 0,5 (BRASIL, 2007). A maior parte do semiárido situa-se na região Nordeste e também abrange a parte setentrional de Minas Gerais, ocupando quase 18% do território nacional (ASA, 2016).

O semiárido, sobremaneira o nordestino, tem sido alvo de extensa degradação, estimando-se que 500 mil hectares de caatinga sejam explorados para uso das indústrias mineradoras, extração de lenha, carvão vegetal e usos domésticos, o que tem agravado a deterioração dos recursos da região e elevado os riscos de desertificação (ARAÚJO, 2011).

Considerando-se a representatividade taxonômica de Bignoniaceae aliada à sua importância econômica e ecológica e, paralelamente, a escassez de estudos no semiárido brasileiro, é de fundamental importância o desenvolvimento de estudos taxonômicos nessa região. Através da execução do estudo taxonômico de Bignoniaceae na Paraíba, nordeste brasileiro, foram encontrados três novos registros da família para a flora do Estado.

METODOLOGIA

(83) 3322.3222
contato@conidis.com.br

www.conidis.com.br

Área de estudo – O semiárido brasileiro corresponde a uma área de aproximadamente 970.000 km², abrangendo parte dos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais, com um clima predominantemente do tipo quente e seco e temperatura média anual superior a 18°C (ARAÚJO, 2011). Os principais tipos de vegetação são a caatinga, as florestas estacionais, campos rupestres e cerrado.

Procedimentos – Foram realizadas excursões mensais em vários municípios da Paraíba para coleta de espécimes férteis (com flores e/ou frutos), no período entre 2014 e 2016. A lista de municípios do estado da Paraíba incluídos no semiárido brasileiro foi obtida através da cartilha de Nova Delimitação do Semiárido Brasileiro (BRASIL, 2007; IBGE, 2016), e a partir destes dados foram selecionadas as espécies incluídas nesses municípios.

Os materiais obtidos eram prensados ainda em campo e flores e frutos também foram estocados em álcool a 70%. A herborização foi realizada nas dependências da Área de Botânica, *Campus I*, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e os espécimes foram incorporados às coleções do Herbário Manuel de Arruda Câmara (ACAM). Além do estudo dos materiais coletados durante a execução desta pesquisa, também foram feitas visitas aos herbários EAN (Jayme Coelho de Moraes, Areia) e JPB (Lauro Pires Xavier), ambos vinculados à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), CSTR (Centro de Saúde e Tecnologia Rural), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos, e UFP (Herbário Geraldo Mariz), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Para auxiliar na identificação, usou-se a bibliografia especializada e além de consultas às coleções online do Herbário Virtual REFLORE (Brasil), Missouri Botanical Garden (MO) e The New York Botanical Garden (NY) (Estados Unidos da América).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados três novos registros de Bignoniaceae, todos pertencentes à tribo Bignonieae: *Bignonia sciuripabulum*, *Cuspidaria argentea* e *Cuspidaria lateriflora*. As espécies foram encontradas em fitofisionomias de caatinga, em florestas secas e úmidas e em afloramentos rochosos, com altitudes variando desde serras com 600m até planícies sobre solos areno-argilosos a pedregosos.

Bignonia sciuripabulum (K. Schum.) L. G. Lohmann, Nuevo Cat. Fl. Vasc. Venezuela: 272. 2008.

Distribuição: Esta espécie é comumente encontrada em planícies da Colômbia, Venezuela, Guiana, Equador, Peru, Bolívia e Paraguai (LOHMANN; TAYLOR, 2014). No Brasil, se encontra amplamente distribuída em áreas de caatinga, cerrado, mata atlântica e pantanal, ocorrendo em todos os estados das regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste e em alguns da região Norte (Amazonas, Pará e Tocantins) e Nordeste (Alagoas, Bahia, Maranhão, Piauí e Paraíba) (LOHMANN, 2016). Na Paraíba, representa um novo registro para o estado, sendo encontrada em áreas de caatinga e em serras, com substrato areno-argiloso.

Floração e frutificação: *Bignonia sciuripabulum* floresce em junho e frutifica de fevereiro a setembro.

Comentários: Pode ser reconhecida pelo fruto com superfície equinada apresentando espinhos longos quando imaturos e mais curtos quando maduros e por apresentar crista interpeciolar nos ramos.

Material examinado: BRASIL. PARAÍBA: Lagoa Seca, Fazenda Ipuarana, 16-VI-2001, fl., *CCL Lourenço & MC Carneiro 205* (JPB); São José dos Cordeiros, RPPN Fazenda Almas, 7-IX-2002, fr., *MR Barbosa 2583* (JPB), 23-II-2005, fr., *AV Lacerda & FM Barbosa 347* (JPB); Sousa, Fazenda Jangada, 12-III-1995, fr., *PCG Neto 172* (JPB); Monteiro, Serra de Jabitacá, 12-VI-2008, fr., *MC Pessoa, JR Lima, PCG Neto & RA Pontes 429* (JPB), 12-VI-2008, fr., *MC Pessoa, JR Lima, PCG Neto & RA Pontes 430* (JPB), Serra do Peru, 21-V-2008, fr., *PCG Neto & MC Pessoa 2282* (JPB).

Cuspidaria argentea (Wawra) Sandwith, Kew Bull. 2: 606. 1955.

Distribuição: *Cuspidaria argentea* distribui-se do México a Argentina, sendo mais frequente no Brasil (LOHMANN; ULLOA, 2011), onde é encontrada nas caatingas nordestinas desde o Maranhão até a Bahia com exceção dos estados de Alagoas, Sergipe e Rio Grande do Norte (LOHMANN, 2016). Na Paraíba, essa espécie consiste em um novo registro para o estado, sendo encontrada em áreas próximas a afloramentos rochosos em solos pedregosos e argilosos.

Fenologia: Na área de estudo foi encontrada com flores e frutos em janeiro.

Comentários: *Cuspidaria argentea* é reconhecida pelos ramos com estrias transversais, pelos folíolos, cálice e corola densamente velutinos e cápsula oblongo-elíptica com quatro alas cartáceas.

Material examinado: BRASIL. PARAÍBA: Cajazeiras, 08-I-2015, fl. fr., *ANT Bandeira, FCP Costa & FM Sobreira 88* (ACAM).

Cuspidaria lateriflora (Mart.) DC., Prodr. 9: 179. 1845.

Distribuição: *Cuspidaria lateriflora* é encontrada tanto em florestas secas quanto úmidas do Peru, Bolívia e Paraguai (LOHMANN; TAYLOR, 2014). No Brasil, ocorre em áreas de floresta amazônica, caatinga, cerrado e mata atlântica de todos os estados das regiões Norte, Centro-oeste e Sudeste e em quase todos os estados da região Nordeste (Bahia, Ceará, Paraíba, Maranhão, Pernambuco e Piauí) (LOHMANN, 2016). Na Paraíba, esta espécie é uma nova ocorrência para o estado, sendo encontrada em áreas de transição caatinga-mata úmida e em beira de estrada.

Floração e frutificação: Esta espécie floresce de dezembro a janeiro.

Comentários: *C. lateriflora* pode ser reconhecida pelo cálice regularmente partido com lacínias apiculadas e folíolos cartáceos.

Material examinado: BRASIL. PARAÍBA: Lagoa Seca, Fazenda Ipuarana, 06-I-2001, fl., *CE Lourenço 70* (JPB), 10-XII-2000, fl., *MC Carneiro & CEC Lourenço 57* (JPB).

CONCLUSÕES

Com base nos novos registros, infere-se que as espécies de Bignoniaceae ocorrentes no semiárido paraibano são importantes componentes da biodiversidade da região, as quais muitas vezes ocorrem em determinados tipos de solos e altitudes. Tal característica torna essas espécies suscetíveis ao declínio populacional, especialmente os elevados níveis de desertificação que o semiárido da Paraíba tem sofrido. Desse modo, são necessárias medidas mitigadoras dos impactos que a remoção da cobertura vegetal causa, bem como a adoção de leis que priorizem a conservação e recuperação da região e, conseqüentemente, das espécies associadas ao semiárido.

REFERÊNCIAS

APG IV – ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants. **Botanical Journal of the Linnean Society**, London, v. 181, p. 1-20, 2016.

ARTICULAÇÃO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO (ASA). **Semiárido**. Recife, 2016. Disponível em: <<http://www.asabrasil.org.br/semiarido>>. Acesso em: 26 Set. 2016.

ARAÚJO, S. M. S. A região semiárida do Nordeste do Brasil: Questões ambientais e possibilidades de uso sustentável dos recursos. **Rios Eletrônica – Revista Científica da FASETE**, Campina Grande, v. 5, p. 1-10, 2011.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Nova delimitação do semiárido brasileiro**. Brasília, 35 p., 2007.

CENTRO NACIONAL DE CONSERVAÇÃO DA FLORA (CNCFLORA). Rio de Janeiro, 2016. Disponível em <[http://cncflora.jbrj.gov.br/portal/pt-br/profile/Fridericia pubescens](http://cncflora.jbrj.gov.br/portal/pt-br/profile/Fridericia%20pubescens)>. Acesso em: 01 Out. 2016.

CRONQUIST, A. **An Integrated System of Classification of Flowering Plants**. New York: Columbia University Press, 1981.

GENTRY, A.H. Bignoniaceae Part I – Tribes Crescentieae and Tourretieae. **Flora Neotropica**, New York, v. 25, p. 1-130, 1980.

GENTRY, A. H. Evolutionary patterns in Neotropical Bignoniaceae. **Memoirs of the New York Botanical Garden**, New York, v. 55, p. 118-129, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **IBGE Áreas Especiais – Cadastro de Municípios localizados na Região Semiárida do Brasil**. 2016. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/semiarido.shtm?c=4>>. Acesso em: 26 set. 2016.

JUDD, W. S. et al. **Sistemática Vegetal: Um enfoque filogenético**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/82823167/JUDDsistemica-Vegetal-3-ed>>. Acesso em: 02 Mar. 2015.

LOHMANN, L. G. Bignoniaceae. In: **Flowering Plants of the Neotropics** (N. Smith, S.A. Mori, A. Henderson, D.Wm. Stevenson, S.V. Heald, eds.). Princeton: Princeton University Press, p. 51-53, 2004.

LOHMANN, L. G. Bignoniaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. **Jardim Botânico do Rio de Janeiro**. 2016. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB112305>>. Acesso em: 26 Set. 2016.

LOHMANN, L. G.; TAYLOR, C. M. A New Generic Classification of Tribe Bignonieae (Bignoniaceae). **Annals of the Missouri Botanical Garden**, Saint Louis, v. 99, n.3, p. 348-489, 2014.

LOHMANN, L. G.; ULLOA, C. U. Bignoniaceae. In: **iPlants prototype checklist**. 2007.

OLMSTEAD, R. G. et al. A Molecular Phylogeny and Classification of Bignoniaceae. **American Journal of Botany**, Columbus, v. 96, p. 1907-1921, 2009.

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. **Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas e nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG III**. 3. ed. São Paulo: Nova Odessa, Instituto Plantarum, 2012.